

LITERATURA, CULTURA E PODER NA FUNDAÇÃO DE GOIÂNIA

Leila Borges Dias Santos¹

RESUMO

A linguagem e a identidade goianas estão refletidas no livro *Ermos e Gerais*, de autoria de Bernardo Élis, de 1944. *Ermos e Gerais* foi o primeiro ganhador da Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos, iniciada nesse mesmo ano e o que possibilitou a publicação. Influenciada pelo regionalismo modernista do pós 30, a obra revela forte apelo à especificidade identitária local, no caso, a do sertão goiano. Com ênfase nos dramas humanos de fundo social, denuncia a violência da sociedade decadentista do gado, pincelando em fortes cores, a identidade e a natureza do cerrado, por meio de linguagem típica reveladora da mentalidade e do universo cultural do homem rural que representa. Um outro aspecto que se descortina no âmbito desse estudo, é a relação que se faz entre a obra em si e seus respectivos contextos cultural, social e político, por serem estes, os sustentáculos da produção literária do período, em uma dinâmica legitimadora, oriunda da ligação que se desenvolveu entre o governo de Pedro Ludovico e a produção cultural de então, subjacente a uma lógica de modernização do estado, concretizada pela fundação da nova capital. Contribuições de autores da crítica literária, como Antonio Candido, Gilberto Mendonça Teles, da história, como Cristiano Pereira Alencar Arrais e da sociologia, como Pierre Bourdieu, com a noção de campo e Denys Cuhe, com a noção de identidade, são entrelaçadas com o intuito de elucidar a relação literatura, linguagem, identidade, cultura e poder, respeitando o referencial teórico da crítica literária sociológica que prevê a interação texto-contexto na construção e interpretação do fenômeno literário, entendido como representação da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Identidade. Cultura. Poder. Fundação de Goiânia.

Introdução

O presente artigo analisa especificidades da identidade, da cultura e da política em Goiás partindo da apreciação do regionalismo de Bernardo Élis. Sua linguagem e inovação literária marcaram a contribuição do autor ao modernismo brasileiro, projetando sua literatura no circuito literário nacional. A análise desse trabalho também se debruça sobre o período em que o livro de contos *Ermos e Gerais* foi confeccionado e publicado, qual seja, o da fundação da nova capital goiana, seus meandros discursivos, a construção da imagem de modernização do estado, símbolo de modernidade e promessa de inovação cultural e social, além de marco de ruptura com o passado, então percebido como retrógrado e atrasado. Essa dinâmica tem como contraponto ao moderno, a antiga capital, a Cidade de Goiás. Instrumentalizam esse estudo conceitos como o de identidade e de campo, perpassados pela crítica literária

¹ Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. borges_leila@yahoo.com.br

sociológica, primada pela relação texto e contexto e que entende a literatura como representação da realidade.

1 Regionalismo de Élis, identidade e campo

Contribuindo para delinear um perfil identitário local, capaz de valorizar Goiás, sua população e cultura, de maneira a inseri-lo na história contemporânea do país, Bernardo Élis adentra em período mais favorável à tentativa de subversão da condição de produtor cultural periférico, o que remete à adesão de Candido ao eixo esquemático da interpenetração entre texto e contexto, em que se aliam fatores externos à estrutura interna da obra. (CANDIDO, 1975).

O escritor de Corumbá de Goiás traria à tona a identidade goiana justamente pela linguagem do sertanejo e pelo sentido de pertença que essa linguagem gera. O autor e sua obra se situariam entre dois mundos: o moderno e o patriarcal, e ambos, autor e obra, seriam avessos à modernização excludente que aqui se erigiu em processo mais exógeno que endógeno e que nos condena, enquanto assim o for, a uma posição cultural e econômica de subordinação.

Sua contribuição segue a linha artística e política fortalecida desde o modernismo de 22 na tentativa de edificar novos valores culturais e identitários, reveladores de sentidos inéditos de nossa cultura, então reinterpretada. (MADEIRA; VELOSO, 1999).

Seu regionalismo revelaria uma fisionomia específica, no caso, do sertão goiano quanto às “dimensões culturais, políticas e estéticas”, de maneira a reconstituir um tecido social rumo a um maior reconhecimento de nós mesmos, alcançando nova dinâmica social e novo padrão de civilidade e autonomia. (VELOSO; MADEIRA, 1999 p. 35-36).

Essa nova produção de sentido seria combustível de defesa e auto identificação, em processo de auto conscientização de um patrimônio coletivo próprio, seja em âmbito nacional, seja em local.

A identidade goiana presente na literatura de Élis se encontra de forma mais emblemática no estilo e na linguagem de seu regionalismo modernista o que coincide com a valorização dos elementos locais do sertão goiano.

Gilberto Mendonça Teles em *A crítica e o princípio do prazer* lembra que Bernardo Élis, ao privilegiar as pequenas cidades do interior de Goiás traduz a linguagem, a cultura e as tradições locais. Em Ermos e Gerais, observa que o regionalista goiano

narra como se estivesse contando oralmente o que acabara de ouvir. Por trás de cada conto [...] está [...] a estrutura de uma estória ou de um causo, quando não de uma lenda ou um mito. É uma estrutura simples que suporta uma fábula (no sentido dos formalistas russos) também simples e por isso contada com o auxílio das técnicas da narrativa oral. É esse sentido de oralidade que determina a ressonância linguística do coloquialismo que marca as falas de narrador e personagem, já que a distância entre as duas figuras se vê às vezes praticamente eliminada. Daí as técnicas dos contos populares [...] que o escritor vai buscar na tradição oral, bastante viva entre nós e funcionalmente representativa de povos com grandes índices de analfabetismo. [...] Uma obra que não é simplesmente documento (social e linguístico), mas símbolo da nossa própria transformação cultural. (TELES, 1995, p. 199).

Dessa forma, Élis seria o “mais importante figura do modernismo em Goiás”, de linguagem considerada inovadora para a época. (TELES, 1995, p. 195).

Denys Cuche, ao teorizar sobre identidade em *A noção de cultura nas ciências sociais*, ressalta que esta seria ligada a uma “norma de vinculação [...] consciente”. (CUCHE, 2002, p. 176). A identidade, ao ser construída socialmente, relaciona-se com uma dada temporalidade e com uma espacialidade específica, sempre pertencente a um contexto, sendo essencialmente dinâmica.

A identidade é o “como é compartilhado”, é esse povoamento coletivo de humano em uma dada sociedade, diz respeito a trocas e a construtos que a marcam. Identidade se relaciona a identificação, ou a identidade em constante movimento, resultado de construções e reconstruções sociais “no interior das trocas sociais”, perpetuando práticas de ressignificação de tradições. (CUCHE, 2002, p. 183).

O outro dado da obra de Élis, em seu contexto cultural, social e político, diz respeito à fundação de Goiânia, que é associada ao Batismo Cultural em cinco de julho de 1942, evento considerado marco definidor de novos rumos para a história política, cultural, econômica e social de Goiás.

Goiânia romperia com a realidade de atraso e isolamento, relacionados à antiga capital, Cidade de Goiás, traria modernização ao sertão goiano e inseriria o estado à geografia cultural e política do país.

Élis privilegia a figura do caipira, preso a terra e atrelado ao contexto de declínio da economia do gado. O cenário desse personagem é o da pequena cidade do interior goiano, uma extensão da fazenda e palco de relações humanas agrárias. (GOMES, 1971)

Em meio a esse processo, surge a discussão sobre a configuração do campo (e do espaço social e simbólico) então constituído e que forjou o pensamento e a cultura do período, o que, em parte, refletiu em obras literárias e em revistas de circulação da época.

Especificamente, interessa verificar como funcionava a estrutura social subjacente ao campo cultural e literário, visando delinear estilos dominantes, autores que demarcavam

tendências, assim como a constituição dos cânones e a elaboração de temas, vínculos com o poder público e os critérios de seleção para a entrega do prêmio Hugo de Carvalho Ramos.

A noção de campo e de espaço social de Bourdieu serve como porta de entrada para se compreender a dinâmica do contexto social, cultural e político da época da fundação de Goiânia.

A ideia de campo se relaciona com a interação entre forças distintas de representação que se coadunam mais ou menos com o fim de constituir um panorama cultural específico, no caso do cenário cultural de Goiânia no período.

E para se entender a noção de espaço social e simbólico, é importante que se visite conceitos como o de capital simbólico. Associado ao conceito de distinção, esse é o capital que independente de sua natureza, é reconhecido como óbvio e dele deriva o poder simbólico.

O detentor desse poder é considerado pelos demais membros de uma sociedade, possuidor de uma habilidade indiscutível.

Isso, de certa forma, é o que ocorreu com o discurso sobre a construção de Goiânia, considerada, segundo eventos como o Batismo Cultural, marco divisor entre o atraso de um passado que se pretendia deixar para trás e um futuro promissor e rico do ponto de vista cultural, social, político e econômico.

O Batismo Cultural, marco fundante do que seria uma nova era na história de Goiás, remete a Durkheim, que lembra que os símbolos forjados em determinado acontecimento histórico e seria um veículo de integração social, possibilitando um consenso sobre a realidade social que é fruto de construto coletivo. Dessa integração surge a integração moral. (BOURDIEU, 1989, p. 10).

A partir daí se impõe a legitimidade de dada dominação, garantindo a hierarquia e sobreposição de uma dada camada social sobre outra, no que Weber denominaria de ‘domesticação dos dominados’.

No caso, em Goiânia a intelectualidade local teria auxiliado nos intentos de seu fundador em legitimar uma nova civilização goiana, por sua vez dependeria da construção e aceitação da nova capital, símbolo de uma pretensa ruptura com um passado tradicional e promotora da inclusão do estado no mapa moderno da nação brasileira, dentro da lógica de desbravamento do sertão goiano.

Goiânia seria a razão de ser de uma identidade autêntica, nacional, legítima e moderna.

Esses intelectuais seriam, nos termos de Bourdieu, os dominantes dominados, que não possuem poder econômico, mas capital cultural, associados a elite que pensa e produz e que, no caso, embasa de forma “irreconhecível”, os meios de conhecimento e expressão adequados

e elaborados em prol de um discurso e da criação de símbolos incontestes de legitimação de um novo momento político que se instaura.

Esses profissionais da cultura dominam seu campo de atuação, com lógica e funcionamento próprios, são relativamente autônomos e detêm também, por sua vez, um dado poder simbólico, mas que são incentivados e valorizados, com o intuito de “fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo”, detentores de um “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força, graças ao efeito específico de mobilização” que “só se exerce se for ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico [...] se define numa relação determinada [...] entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, ou seja, “na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença” (BOURDIEU, 1989, p. 14) difusa na sua eficácia, associada à confiança depositada naquele “que as pronuncia [...] crença cuja produção não é da competência das palavras. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”, numa espécie de eufemização “que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objectivamente”, transformando-as em poder simbólico. (BOURDIEU, 1989, p. 15).

Em meio a essa lógica advém a noção de espaço social, que representa “o mundo social” em forma de um espaço em suas várias dimensões, imputando sentido e comportamentos de acordo com tradições, costumes e hierarquias baseado por “princípios de diferenciação conjunto vindos do conjunto do universo social considerado.” (BOURDIEU, 1989, p. 133).

“As categorias de percepção do mundo social”, também associadas à representação seriam “produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social. [...] levam os agentes a tomarem o mundo social tal como ele é, a aceitarem-no como natural” o que implica em “uma aceitação tácita da posição.” (BOURDIEU, 1989, p. 141).

2 Contexto cultural de Goiânia à época de sua fundação

Goiânia, com o Batismo Cultural, foi oficialmente revelada ao país, como se fosse possível separar a história anterior de um estado “decadente” e fundar uma nova ordem regional.

Cristiano Pereira Alencar Arrais em *Nova Vila, Velha Capital, tradição e modernidade na construção da cidade de Goiânia*, lembra que, os discursos dos intelectuais a

respeito da nova capital não representavam ou refletiam a mentalidade e as práticas culturais da população, que não tinha acesso ao universo cultural dos mesmos, ou seja, não compartilhava das discussões e fruição dessas instâncias.

A cultura mais refinada que povoava os círculos mais restritos da Cidade de Goiás, ao adentrar em Goiânia, se limitava aos ambientes privados dos mais bem nascidos.

Assim, os primeiros habitantes da cidade de Goiânia tinham como referência ainda o tipo de sociabilidade gerado em suas cidades ou povoados de origem. A política executada dentro dos limites do nascente núcleo urbano (e que condicionava todo o estado) baseava-se em traços personalistas e autoritários que tinham origem na tradição clientelista brasileira – mesmo que instrumentalizado de maneira diferente. (ARRAIS, 2013, p. 04).

Com isso, “criava-se uma sensação de pertencimento” via jornais e revistas da época, em consonância com os eventos do Batismo. (PEREIRA, 2002).

As noções acima apresentadas estão entrelaçadas ao contexto cultural de elaboração da imagem que se fazia na época sobre Goiânia. Eugênio Rezende de Carvalho, no artigo *Construções de Goiânia*, do livro *Goiânia, cidade pensada*, observa como se deu o processo de convencimento da necessidade de fundar a capital, que antes de se concretizar, já tinha sido inventada.

Ele se pergunta até que ponto a sociedade goiana compartilhou da ideia da nova capital, ou se a mesma foi fruto direto do discurso de Pedro Ludovico?

Ele aposta que o sonho ou a utopia da construção de Goiânia ficou mais restrito aos projetos políticos do interventor. Pergunta-se até que ponto seu discurso interferiu no rumo dos acontecimentos?

Pois além de Goiânia significar uma resposta à situação de isolamento geográfico, político e econômico de Goiás, esses dados objetivos sobre a insuficiência da permanência de Goiás como capital, não esgotam o argumento sobre a necessidade da mudança, daí o autor ter buscado no plano da utopia, o recurso a mais para explicar a realização da construção de Goiânia. Interessante notar o “potencial transformador” do discurso de Pedro Ludovico que antecipou o que seria Goiânia, potencializando o que de fato se efetivou.

Goiânia não constituiu um divisor de águas na vida cultural, social e econômica de Goiás, simbolizou sim, na verdade, um espaço comprobatório de um novo capítulo da história política do Brasil, embarcado na transição da República Velha para o período Getulista e todas as mudanças institucionais que isso significou, mas culturalmente e socialmente, Goiás

permaneceu em uma cultura agrária, com elementos tradicionais difusos, só que a partir de então, em ambiente mais urbanizado.

Pode-se afirmar que a tentativa de inventar um mito fundador novo, por meio do Batismo Cultural foi frustrado devido à sua ação limitada, com reduzido público escolarizado e leitor, sem experiência maciça de acesso e valorização de ambientes cultivados e devido ao não fomento de uma maior profusão literária, de uma cultura letrada e mais elaborada em todas as áreas da arte.

Goiânia então se consagra como mudança dos rumos da história do estado, do ponto de vista da organização do espaço, do centro político não mais centralizado na fé, a exemplo das cidades do interior do estado, que tem como eixo original uma praça com igreja, mas em valores políticos modernos, já que tem como centro irradiador, o centro político da Praça Cívica. (CAMPOS, 2002).

Segundo Eugênio Goiânia teria, segundo os discursos fundadores da cidade, a missão de refundar a história do Estado, simbolizado o futuro, o moderno, o novo, o inédito, o cosmopolita, o democrático, o que não condiz com sua posterior história, não apagou o passado, mas o continuou.

O que contou com a colaboração da Revista Oeste, que circulou de 1942 a 1945 e serviu de veículo de divulgação do que se produzia em termos culturais no estado, auxiliando na tentativa de colaborar com uma rápida consolidação do espaço inventado como símbolo de modernidade e de transformação na forma como os goianos seriam vistos pelo restante do país, além de configurar como fruto de nova mentalidade intelectual. (PEREIRA, 2002, p. 51).

Uma vez que Goiânia não se levantaria somente em “bases materiais” (MENDONÇA TELES apud PEREIRA, 2002, p. 50). A Revista Oeste tinha suas bases no ideal do Estado Novo de aliar o novo ao tradicional, enaltecendo o que seria o verdadeiro Brasil, autêntico, fundido com o cosmopolita. Goiânia, ainda, seria a “herdeira natural” da vida cultural iniciada na Cidade de Goiás. (PEREIRA, 2002, p. 51). O espaço planejado de Goiânia, seria para seus idealizadores, prova concreta da proximidade de novos tempos para a cultura e a sociedade local.

A questão que se coloca é que apesar do urbanismo e do planejamento arrojado para a época, a população que veio a habitar Goiânia era a proveniente da que vivera aqui desde o Século XVIII.

A mudança de endereço em ambiente mais urbanizado, mesmo que com outro parâmetro ou momento político, advindo da onda da *Marcha para o Oeste* não era dado suficiente para erguer nova mentalidade, baseada em relações humanas modernas.

O caldo de cultura da maioria da população local não sofreu modificações, os círculos de cultura mais elaborada, do ponto de vista do acesso à leitura, complexificação da mesma, ao teatro, à discussões políticas, etc, continuaram restritos a círculos privilegiados. Não houve, a exemplo do que ocorreu na França oitocentista ou à Alemanha do Aufklärung, um processo contínuo de produção e discussão da cultura letrada, pois o ambiente local não contava com esteio nem massa crítica para tanto. Ou seja, não havia cultura prévia que predispucesse Goiânia a romper com o tradicional espírito rural, este, alheio à cultura moderna e urbana que o Batismo Cultural tentava imprimir.

O que alimentava o capital simbólico almejado pelo discurso construtor de Goiânia, sequioso de uma aura cultural fundida do popular com o erudito, proveniente da literatura de Élis, ganhador da primeira bolsa de publicação Hugo de Carvalho Ramos.

Não se entra no mérito, indiscutível, sobre o valor e peso da literatura de Élis em Goiás e no Brasil, mas sim, nos circuitos ou entremeios de produção e difusão de sua obra e da importância de sua contribuição nesse “start” tentado como promissor e inovador dos ares culturais no estado de Goiás.

Fundamental, portanto, foi a contribuição dos grupos intelectuais locais no ajuste, proveniente de seu campo de atuação, para se conseguir o tom político acertado e convincente para a época.

Referências Bibliográficas

- ABDALA JR., Benjamin (org.). *Bernardo Élis*. São Paulo: Abril Educação, 1983.
- ARRAIS, Cristiano Pereira Alencar Arrais. *Cidades e identidades de fronteira*. Um estudo sobre a construção de Goiânia a partir do conceito de momento de fronteira. Goiânia, UFG, Tese de Doutorado em História, 2003.
- _____. *Nova Vila, velha capital*. Tradição e modernidade na construção da cidade de Goiânia. Texto completo apresentado no X Encontro Nacional da Anpur - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

- CAMPOS, Francisco Itami. Mudança da capital: uma estratégia de poder. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. (Org.). *Goiânia. Cidade pensada*. Goiânia: UFG, 2002. (p. 169-184).
- CANDIDO. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- CARVALHO, Eugênio Rezende de. Construções de Goiânia. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. (Org.). *Goiânia. Cidade pensada*. Goiânia: UFG, 2002.
- CUCHE, Denis. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DOS SANTOS, Rogério Santana. Regionalismo literário no Brasil Central. In: *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de. (Orgs.). São Paulo: Nankin, 2010.
- ÉLIS, Bernardo. *Ermos e Gerais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GOMES, Modesto. Sentido do regionalismo goiano. In: MOTTA, Ático Vilas Boas da; GOMES, Modesto (Orgs.). *Aspectos da cultura goiana*. (I). Goiânia: Departamento Estadual de Cultura. Gráfica Oriente, 1971.
- MELO, Orlinda Carrijo. As práticas e representações de leitura na cidade de Goiânia (1937-1960). *Revista da Faculdade de Educação da UFG*, Goiânia, v. 38, n. 1, 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/18307>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2014.
- PEREIRA, Eliane M. C. Manso. Goiânia, filha mais moça e bonita do Brasil. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. (Org.). *Goiânia. Cidade pensada*. Goiânia: UFG, 2002. SOUZA, Candice Vidal e. Batismo Cultural de Goiânia: um ritual da nacionalidade em tempos de Marcha para o Oeste. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. (Org.). *Goiânia. Cidade pensada*. Goiânia: UFG, 2002.
- TELES, Gilberto Mendonça. In: TELES, Gilberto Mendonça (Org.). *Seleção de Bernardo Élis*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974. (Coleção Brasil Moço).
- _____. *A crítica e o princípio do prazer*. Goiânia: Editora da UFG, 1995. Estudos Goianos II. Coleção Documentos Goianos.
- VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras*. Itinerários no pensamento social e na literatura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.